

NAO TENHO

PALAVRAS

ARTIGOS/ENSAIOS

NÃO TENHO PALAVRAS

JACOB KLINTOWITZ

ABCA/SÃO PAULO

1.

NÃO TENHO PALAVRAS

Não tenho palavras? E, no entanto, o que mais a literatura enaltece são as palavras. Tantos textos tratam disso, parece que a nossa época de pós-segunda guerra mundial, impactada pela bestialidade, instituiu o reino da palavra. E das narrativas confessionais. Os veículos de comunicação se multiplicaram e precisam de conteúdos, e, não suficiente, as atuais redes sociais tornaram cada ser humano um escritor e um editor de si mesmo.

Entretanto, certos acontecimentos essenciais não podem ser descritos. Vejam o caso da iluminação espiritual. Os homens santos (para simplificar a denominação) tiveram o contato divino, perceberam-se como parte integrante do infinito e do universo e nos dizem sobre isto. Os livros sagrados, base de nações, tratam disso e tem a sua autoridade alicerçada na crença da autenticidade desses encontros. Mas os santos não têm como nos contar essa vivência. Eles nos dizem que se integraram ao

cosmo, como é feliz a sensação de ser Um com o Todo, ou que viram a sarça ardente e isso não significa nada para nós. Os santos só podem ser entendidos por outros santos. Para quem não teve a vivência do encontro com o divino a sua descrição nada significa.

Os dois fatos marcantes da existência humana são o nascimento e a morte. Do nascimento nos amparamos na ciência, na genética e no estudo da percepção. Nós imaginamos como o recém-nascido sente o mundo. Os mais sábios nos dizem que nascer é abandonar o paraíso; a morte é um dado fisiológico, a destruição do físico por desgaste ou por doença. Isso é evidente, mas não sabemos como é morrer. A morte é uma viagem solitária. Nós sabemos observar, com o mirante científico, o ser que morre, mas é uma observação exterior. Para muitos nem viagem é, nem passagem é. Não importa muito, salvo para o próprio observador, crer ou não num universo organizado em planos de crescente espiritualidade. Nas mensagens de pêsames e solidariedade sempre dizemos “a sua dor” e “não

tenho palavras”. Na verdade, não temos palavras para comunicar a iluminação, a morte e a dor profunda. Mesmo a perda do Paraíso é uma descrição, um retrato distante. Adão disse alguma coisa ao ser expulso do Paraíso? Certos fatos essenciais estão fora da linguagem.

2.

O MESTRE DO SONHO NO CENTRO DO MUNDO.

No mês de setembro, em Recife, foi realizado o “Seminário Francisco Brennand: a oficina como território.”. Um encontro com possibilidades empolgantes, um homem, a obra de sua vida, e um lugar específico, como um destino que chega a anteceder a própria criação.

A minha conferência sobre Francisco Brennand foi no dia 22.9.22 e eu tive a intuição de aproximar o seu trabalho ao que é mais atual em nossa época e confrontar essa produção com as estruturas arcaicas de civilizações totêmicas.

O prazer e a expectativa deste

processo se deveram ao mais simples dos fatos: em 1993 eu coloquei o Brennand no meu livro “Os novos viajantes”, com outros artistas (Maria Bonomi, Siron Franco, Ana Maria Pacheco, Frans Krajcberg, Antonio Hélio Cabral, Israel Pedrosa, João Câmara, Roberto Magalhães e Francisco Brennand), edição SESC. Em 1995, publiquei o livro “Francisco Brennand. Mestre do sonho”. E fui o Curador de sua sala especial na II Bienal Barro de América. Caracas. Venezuela

Além disso, o Brennand frequentou outros livros meus sobre a cerâmica e a escultura. Seria possível, eu, depois de tanto contato, elaboração e informações sobre o artista, ser capaz de rever pontos de vista?

O título da minha conferência já anunciava o desafio. “Francisco Brennand, o mestre do sonho no centro do mundo”. Os livros “Os novos viajantes” e “Francisco Brennand. Mestre do sonho”, ambos da década de 90, já vinculavam a criação de Brennand à sua oficina e ao seu território. Penso que Francisco Brennand, à semelhança dos nossos

ancestrais, construiu um templo. E, como os seus contemporâneos, a sua obra foi fruto de um pensamento contínuo, um movimento em processo, um diálogo permanente com a indagação sobre o que constitui o ser humano. E a certeza de que o ser humano, como a obra de arte, é uma construção em processo. Para o artista Francisco Brennand a sua obra, a concepção, o fazer, as surpresas do fogo que elabora a matéria, tudo é um sonho que habita o seu ser. Ele é um mestre do sonho. E o território, o seu lugar, o seu ponto fulcral, o lugar de cada escultura, é um espaço sagrado, o centro do mundo. Como separar, umas das outras, as suas magnificas esculturas cerâmicas? Seria perder a dupla percepção do que seja a linguagem; a obra como um encadeamento de indagações e a construção do ser humano, como uma proposta de unidade.

3.

COM FERREIRA GULLAR E SIRON FRANCO SOBRE UMA SEMENTE.

Siron, caríssimo,
Veja como são as coisas da cultura, do mundo das ideias, às vezes parecem datadas, antigas, e você descobre que são eternas... ou, para ficar no metro humano, ao menos, apontam para o futuro.

Li hoje o livro sobre você “A vida bate”. O Gullar é realmente um autor brilhante. E, mais até do que isto, um homem que ama a arte. Falo no presente e não no passado porque os artistas e os poetas estão sempre vivos. O Gullar emite conceitos importantes sobre o pintor Siron. Sempre terá que ser levado em consideração. Senti também que ele se impôs escrever pouco. Não sei se isto aconteceu para ficar dentro do projeto gráfico ou da própria concepção do livro. De qualquer maneira, com contenção ou sem ela, ele é sempre afirmativo. É uma das suas qualidades. Não só em textos ensaísticos, mas a sua própria poesia

tem este caráter exclamativo e o seu teatro também formata o mundo tendo como limites o vigor das frases definitivas. Não sei se a idade transformou o Gullar em alguma coisa parecida com um espiritualista, mas se isto aconteceu não alterou o modo de ser de suas palavras. Elas são impregnadas de concretidade. Penso que a repercussão de sua prosa, de suas palavras, e até mesmo de sua poesia, deve-se à esta exposição permanente. Ele não se esconde. Eu vejo o mundo e digo como ele é. Evidente que existem a sua qualidade, a inteligência, a sensibilidade, o faro jornalístico, a fluência, a expressividade. Clarice Lispector escreveu que tinha receio do poder verbal do Gullar. Aliás, este livro, “A vida bate”, é uma arca de tesouros. Faltou, é uma sensação que em mim persiste, um editor. Se fosse menos esquemática a estrutura, este livro seria uma obra prima. Fiquei encantado com os teus trabalhos e fiquei fascinado com a grandeza do Gullar. Como ele é capaz de amar. Acho o encontro de vocês tão amoroso que engrandece a nossa arte. É de

1999, faz 23 anos que foi publicado. Estou acordado desde a madrugada e culminou a manhã com o teu trabalho. Também o trabalho de um artista está sempre vivo, nunca o que é realmente bom fica datado. Em mim tudo vibra. Estava convivendo com a tua obra, com o entendimento do Gullar sobre a tua obra, com a impressão do livro na Argentina, tudo tem o jeito de uma semente. Um dia frutificará. Ou já está frutificando e a gente ainda não percebeu.

JACOB KLINTOWITZ

Escritor, crítico de arte, crítico literário, jornalista, curador, editor de arte, e um dos precursores na divulgação da crítica da arte contemporânea nos jornais e revistas do País. É autor de 190 livros sobre a obra e o percurso de significativos artistas brasileiros.